

A Revelação da Memória do Holocausto na Alemanha | de João Sobral

Na viagem à Alemanha, organizada pela Memoshoa, experienciei um autêntico regresso à época dos acontecimentos europeus mais sensíveis do século XX.

Na visita a museus e memoriais, e ouvindo as explicações que a cada dia foram sendo facultadas, aprofundei conhecimentos acerca da ascensão do nazismo ao poder, e da surpreendente revolução que operou na sociedade alemã, e principalmente sobre um dos acontecimentos mais trágicos da história da humanidade, o Holocausto.

O movimento nazi destruiu por completo a essência da democracia e da liberdade e, em pouco tempo, e com relativa facilidade, implementou um regime totalitário que concentrou na sua cúpula os principais poderes.

Neste programa demos particular atenção ao Holocausto, onde uma comunidade próspera de judeus alemães, na sua maioria integrados, foi exterminada. As perseguições começaram na Alemanha e alargaram-se às comunidades judaicas de outros países, assim como a opositores do regime, a homossexuais, e a ciganos.

O regime começou por impor restrições aos judeus e foi progressivamente aumentando a perseguição até decidir, na Conferência de Wannsee, que a “Solução final” deveria envolver o empenhamento de todos os ministérios e ter o seu âmbito alargado para lá da Alemanha. Os nazis planearam varrer a presença judaica da Europa, desde Leste a Oeste, de modo a concretizar um ideal de utopia racial e ideológica.

As visitas que fizemos a cemitérios judaicos em Berlim permitiram perceber que os judeus alemães estavam integrados, tinham elevados níveis de instrução, e deram importantes contributos nas mais diversas áreas do saber, desde as letras às ciências. Isto demonstra que a Alemanha auto-destruiu uma parte proeminente do seu próprio tecido social.

Entre outros locais, visitámos a estação de Grunewald, nos arredores de Berlim, local a partir do qual eram feitas as deportações, por comboio, para os campos de concentração.

Visitámos também os campos de Sachsenhausen, Dachau, e Dora-Mittelbau, sendo este um surpreendente inferno subterrâneo onde os prisioneiros morriam de exaustão provocada pelo trabalho em condições desumanas.

À medida que deixámos para trás as décadas de 20, 30 e 40, inteirámos-nos acerca do modo como a Alemanha entrou numa nova etapa da sua história. No pós-guerra, e apesar dos julgamentos de Nuremberga, muita

gente envolvida nos crimes, perpetrados na alucinação colectiva que foi o nazismo, foi reintegrada na sociedade e retomou as suas vidas. A sociedade alemã fez silêncio sobre o que aconteceu.

Na maior parte dos casos, as pessoas que tiveram de justificar os actos que cometeram, invariavelmente disseram que não tinham tido alternativa, pois eram as ordens do regime. No entanto, houve um grupo de homens e mulheres, considerados justos, que arriscaram as suas próprias vidas para salvar pessoas perseguidas pelo regime. Quando lhes foi perguntado por que razão o fizeram, justificaram-se dizendo igualmente que não tinham tido alternativa. A grande diferença é que no meio do caos e do delírio colectivo, eles demonstraram coragem, conservaram discernimento, e mantiveram os seus princípios.

Só no final do século, com uma mudança geracional, o país começou a questionar-se sobre o seu passado e a viver uma nova fase de confronto com a sua memória e com a sua culpa. É já produto dessa mudança uma grande parte dos museus e memoriais, quase todos recentes, que visitámos. Esta mudança ainda está a decorrer. Há locais com relevância histórica ainda encerrados mas com data de abertura ao público já agendada.

Verdadeiramente instrutiva e fornecendo instrumentos para aprofundar o tema do Holocausto, recomendo vivamente esta viagem a quem investiga nesta área, se próximas edições se vierem a realizar.